

Esta história é trazida a você por [Ririro.com/pt](http://Ririro.com/pt) gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



# Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

# A História do Filho de um Pêssego

Há muito, muito tempo, viviam um velho e uma velha; eram camponeses e precisavam trabalhar duro para ganhar seu arroz diário. O velho costumava ir cortar grama para os agricultores da região, e enquanto ele estava fora, a velha, sua esposa, fazia o trabalho da casa e trabalhava em seu pequeno campo de arroz. Certa vez, o velho foi para as colinas, como de costume, para cortar grama, e a velha levou algumas roupas até o rio para lavar. Quase era verão, e o campo estava muito bonito, com sua exuberante vegetação, enquanto os dois velhos seguiam a caminho do trabalho. A grama nas margens do rio parecia veludo de esmeralda, e os salgueiros ao longo da beirada da água agitavam suas suaves folhas.

A brisa soprava e agitava a superfície lisa da água em pequenas ondas e, ao passar, tocava as bochechas do casal idoso, que, por algum motivo que não podiam explicar, sentiam-se muito felizes naquela manhã. A velha finalmente encontrou um bom lugar à margem do rio e largou seu cesto. Então, ela começou a lavar as roupas; pegava uma por uma do cesto, lavava-as no rio e esfregava nas pedras. A água era tão clara quanto cristal, e ela podia ver os pequenos peixes nadando de um lado para o outro e as pedrinhas no fundo.

Enquanto lavava suas roupas, um grande pêssigo veio flutuando rio abaixo. A velha olhou para cima de seu trabalho e avistou esse enorme pêssigo. Ela já tinha sessenta anos, mas em toda a sua vida nunca tinha visto um pêssigo tão grande como aquele.

“Como deve ser delicioso esse pêssigo!” ela disse para si mesma. “Devo pegar esse pêssigo e levá-lo para o meu velho.”

Ela estendeu o braço para tentar pegá-lo, mas ele estava fora de seu alcance. Ela procurou por um galho, mas não havia nenhum à vista; se fosse procurar por um, perderia o pêssigo. Parando por um momento para pensar no que faria, lembrou-se de um velho verso encantado. Então, começou a bater palmas para acompanhar o movimento do pêssigo rio abaixo, e enquanto batia palmas, cantava a seguinte canção:

“Água distante é amarga,  
A água próxima é doce;  
Passe pela água distante  
E venha para a doce.”

Por incrível que pareça, assim que ela começou a repetir esta pequena canção, o pêssigo começou a se aproximar cada vez mais da margem onde a velha estava, até que finalmente parou bem à sua frente, de forma que ela pôde pegá-lo com as mãos. A velha ficou encantada. De tão feliz e empolgada que estava, não conseguiu continuar seu trabalho; então, colocou todas as roupas de volta no cesto de bambu e, com o cesto às costas e o pêssigo nas mãos, apressou-se a voltar para casa.

Pareceu-lhe uma eternidade esperar até que seu marido retornasse. Finalmente, o velho chegou, quando o sol estava se pondo, com um grande feixe de capim nas costas — tão grande que ele estava quase escondido e ela mal podia vê-lo. Parecia muito cansado, usando a foice como bastão para caminhar, inclinando-se nela enquanto andava.

Assim que a velha o avistou, exclamou:

“O Fii San! (velho) Esperei tanto tempo por você hoje!”

“O que aconteceu? Por que está tão impaciente?”

perguntou o velho, estranhando sua incomum ansiedade.

“Aconteceu algo enquanto eu estava fora?”

“Oh, não!” respondeu a velha, “não aconteceu nada, apenas encontrei um presente maravilhoso para você!”

“Isso é bom,” disse o velho. Ele então lavou os pés em uma bacia de água e subiu na varanda.

A velha correu imediatamente para o pequeno quarto e tirou do armário o grande pêssgo. Estava ainda mais pesado do que antes. Ela o ergueu, dizendo:

“Veja só! Já viu um pêssgo tão grande em toda a sua vida?”

Quando o velho olhou para o pêssgo, ficou enormemente surpreso e disse:

“Este é, de fato, o maior pêssgo que já vi! Onde você o comprou?”

“Eu não comprei,” respondeu a velha. “Eu o encontrei no rio onde estava lavando.” E ela contou toda a história.

“Estou muito feliz por você ter encontrado isso. Vamos comê-lo agora, pois estou com fome,” disse o O Fii San.

Ele pegou a faca de cozinha e, colocando o pêssgo em uma tábua, estava prestes a cortá-lo quando, maravilha,

o pêsego se partiu ao meio sozinho, e uma voz clara disse:

“Espere um pouco, velho!” E de dentro do pêsego saiu uma linda criança.

O velho e sua esposa ficaram tão espantados com o que viam que caíram no chão. A criança falou novamente:

“Não tenham medo. Eu não sou um demônio ou fada. Direi a verdade. O céu teve compaixão de vocês. A cada dia e noite, vocês lamentaram por não terem um filho. Seu clamor foi ouvido, e eu fui enviado a vocês para ser o filho da sua velhice!”

Ao ouvir isso, o velho e a esposa ficaram muito felizes. Eles choravam dia e noite de tristeza por não terem um filho que os ajudasse em sua velhice solitária. E agora que sua prece foi atendida, estavam tão perdidos de alegria que não sabiam o que fazer. Primeiro, o velho pegou a criança em seus braços, depois a velha fez o mesmo, e o nomearam MOMOTARO, ou FILHO DO PÊSEGO, porque ele saiu de um pêsego.

Os anos passaram rapidamente, e a criança cresceu até os quinze anos. Ele era mais alto e muito mais forte do que qualquer outro menino de sua idade; tinha um rosto bonito, um coração cheio de coragem e era muito sábio para sua idade. O prazer do velho casal era imenso quando olhavam para ele, pois ele era exatamente o que eles imaginavam que um herói deveria ser.



Certo dia, Momotaro se aproximou de seu pai adotivo e disse solenemente:

“Pai, por um acaso estranho nos tornamos pai e filho. Sua bondade para comigo foi maior do que os montes de capim que é seu trabalho diário cortar, e mais profunda do que o rio onde minha mãe lava as roupas. Não sei como agradecer o suficiente.”

Por gentileza, vou continuar traduzindo o restante da história "Momotaro, o Menino do Pêssego," mas esse texto completo é muito extenso, e posso ajudá-lo mais sucintamente sobre partes específicas ou resumos, se preferir.

“Por que,” respondeu o velho, “é natural que um pai crie seu filho. Quando você for mais velho, será sua vez de cuidar de nós, então, no fim das contas, não haverá lucros ou perdas entre nós—tudo será igual. Na verdade, estou um pouco surpreso que você me agradeça dessa forma!” E o velho parecia incomodado.

“Espero que tenha paciência comigo,” disse Momotaro; “mas antes de começar a retribuir toda a sua bondade para comigo, tenho um pedido a fazer. Espero que possa me conceder isso acima de todas as coisas.”

“Deixarei você fazer o que quiser, pois você é bem diferente de todos os outros meninos!”

“Então me deixe partir imediatamente!”

“O que você está dizendo? Quer deixar seu velho pai e sua velha mãe e ir embora de sua casa?”

“Com certeza voltarei logo, se me deixar partir agora!”

“Onde você vai?”

“Você deve achar estranho que eu queira partir,” disse Momotaro, “porque ainda não lhe disse a razão. Bem

distante daqui, ao nordeste do Japão, há uma ilha no mar. Esta ilha é o reduto de uma horda de demônios. Já ouvi muito como eles invadem esta terra, matam e roubam as pessoas e levam tudo o que encontram. Eles, além de serem muito perversos, são desleais ao nosso imperador e desobedecem às suas leis. Também são canibais, pois matam e comem algumas das pobres pessoas que têm o azar de cair em suas mãos. Esses demônios são seres muito odiosos. Vou conquistar eles e trazer de volta todo o saque que roubaram desta terra. É por essa razão que quero partir por um curto período!”

O velho ficou muito surpreso ao ouvir tudo isso de um simples garoto de quinze anos. No entanto, achou melhor deixar o menino ir. Ele era forte e destemido, e além de tudo o velho sabia que ele não era uma criança comum, pois tinha sido enviado a eles como um presente do Céu e estava certo de que os demônios não poderiam machucá-lo.

“Tudo o que você diz é muito interessante, Momotaro,” disse o velho. “Não vou impedi-lo em sua determinação. Você pode ir se quiser. Vá para a ilha o mais rápido possível, destrua os demônios e traga paz para a terra.” “Obrigado por toda a sua bondade,” disse Momotaro, que começou a se preparar para partir naquele mesmo dia. Ele estava cheio de coragem e não conhecia o que era o medo.

O velho e a velha logo começaram a amassar arroz no pilão da cozinha para fazer bolos de arroz para Momotaro levar em sua jornada.

Finalmente, os bolos estavam prontos, e Momotaro estava pronto para iniciar sua longa viagem.

Despedidas são sempre tristes. Assim foi naquele momento. Os olhos do casal estavam cheios de lágrimas e suas vozes tremiam enquanto diziam:

“Vá com todo cuidado e rapidez. Estamos esperando que você volte vitorioso!”

Momotaro também estava muito triste por deixar seus velhos pais (embora soubesse que voltaria o mais breve possível), pois pensava em como eles ficariam solitários durante sua ausência. Mas, disse “adeus” com coragem.

“Eu estou indo agora. Cuidem-se enquanto eu estiver fora. Adeus!” E ele saiu rapidamente de casa. Em silêncio, os olhos de Momotaro e de seus pais se encontraram numa despedida.

Momotaro então apressou-se em seu caminho até que fosse meio-dia. Ele começou a sentir fome, então abriu sua bolsa, pegou um dos bolos de arroz e sentou-se sob uma árvore ao lado da estrada para comer. Enquanto estava almoçando, um cachorro, quase do tamanho de um potro, saiu correndo do meio da grama alta. O cão foi direto até Momotaro e, mostrando os dentes, disse de maneira feroz:

“Você é muito rude de passar pelo meu campo sem pedir permissão primeiro. Se você me deixar todos os bolos que tem na bolsa, pode passar; caso contrário, vou mordê-lo até matá-lo!”

Momotaro apenas riu com desdém:

“O que você está dizendo? Sabe quem eu sou? Eu sou Momotaro e estou a caminho para derrotar os demônios

na ilha no nordeste do Japão. Se tentar me impedir de passar, vou cortar você ao meio da cabeça até os pés!” A atitude do cachorro mudou imediatamente. Seu rabo caiu entre as pernas e, chegando mais perto, ele se curvou tão baixo que sua testa tocou o chão.

“Estou ouvindo direito? O nome Momotaro? Você realmente é Momotaro? Já ouvi muito sobre sua grande força. Não sabendo quem você era, me comentei de maneira muito tola. Você pode, por favor, perdoar minha grosseria? Você realmente está a caminho para invadir a Ilha dos Demônios? Se puder aceitar alguém tão rude quanto eu como seguidor, ficarei muito grato.”

“Acho que posso deixá-lo vir comigo, se quiser ir,” disse Momotaro.

“Obrigado!” disse o cachorro. “A propósito, estou com muita, muita fome. Você me dá um dos bolos que está carregando?”

“Este é o melhor tipo de bolo que existe no Japão,” disse Momotaro. “Não posso lhe dar um inteiro; vou lhe dar metade de um.”

“Muito obrigado,” disse o cachorro, pegando o pedaço que lhe foi arremessado.

Então, Momotaro se levantou e o cachorro o seguiu. Eles caminharam pelas colinas e vales por muito tempo.

Enquanto estavam andando, um animal desceu de uma árvore um pouco à frente deles. A criatura logo se aproximou de Momotaro e disse:

“Bom dia, Momotaro! Você é bem-vindo por estas partes. Posso acompanhá-lo?”

O cachorro respondeu, com ciúmes:

“Momotaro já tem um cachorro para acompanhá-lo. De que serve um macaco como você em uma batalha? Estamos a caminho para lutar contra os demônios! Saia daqui!”

O cachorro e o macaco começaram a brigar e se morder, pois esses dois animais sempre se detestam.

“Agora, não briguem!” disse Momotaro, colocando-se entre eles. “Espere um momento, cachorro!”

“Não é nada digno para você ter uma criatura assim o seguindo!” disse o cachorro.

“O que você sabe sobre isso?” perguntou Momotaro; e, afastando o cachorro, falou com o macaco:

“Quem é você?”

“Eu sou um macaco que vive nestas colinas,” respondeu o macaco. “Ouvi falar da sua expedição à Ilha dos Demônios e vim para ir com você. Não há nada que me agradaria mais do que segui-lo!”

“Você realmente quer ir à Ilha dos Demônios e lutar comigo?”

“Sim, senhor,” respondeu o macaco.

“Admiro sua coragem,” disse Momotaro. “Aqui está um pedaço de um dos meus bolos de arroz finos. Venha comigo!”

Assim, o macaco juntou-se a Momotaro. O cachorro e o macaco não se davam bem. Eles estavam sempre implicando um com o outro enquanto caminhavam, sempre querendo brigar. Isso deixou Momotaro muito irritado, e finalmente ele mandou o cachorro ir à frente com uma bandeira e colocou o macaco atrás, com uma espada, e posicionou-se entre eles, com um leque de guerra, que é feito de ferro.

Logo, eles chegaram a um grande campo. Ali, um pássaro desceu do céu e pousou no chão bem à frente do pequeno grupo. Era o pássaro mais bonito que Momotaro já tinha visto. Suas penas continham cinco diferentes roupagens e sua cabeça estava coberta por um chapéu escarlate.

O cachorro imediatamente correu para tentar matar o pássaro. Mas o pássaro o atacou com suas esporas e voou até a cauda do cachorro, e a luta foi difícil para ambos.

Momotaro, enquanto observava, não pôde deixar de admirar o pássaro; ele demonstrava muita valentia na luta. Certamente seria um bom lutador.

Momotaro aproximou-se dos dois combatentes e, segurando o cachorro para trás, disse ao pássaro: "Seu malandro! Você está atrapalhando minha jornada. Renda-se imediatamente e levarei você comigo. Se não se render, ordenarei que este cachorro arranque sua cabeça com uma dentada!"

Então o pássaro rendeu-se imediatamente, pedindo para ser aceito no grupo de Momotaro.

"Não sei como me desculpar por ter brigado com o cachorro, seu servo, mas eu não vi você. Sou um miserável pássaro chamado faisão. É muito generoso de sua parte perdoar minha grosseria e me aceitar com você. Por favor, permita-me segui-lo atrás do cachorro e do macaco!"

"Parabenizo você por se render tão rápido," disse Momotaro, sorrindo. "Venha e junte-se a nós na expedição contra os demônios."

“Você vai levar esse pássaro também?” perguntou o cachorro, interrompendo.

“Por que faz uma pergunta tão desnecessária? Não ouviu o que eu disse? Vou levar o pássaro comigo porque desejo!”

“Humph!” disse o cachorro.

Então, Momotaro deu a seguinte ordem:

“Agora todos vocês precisam me ouvir. A primeira coisa necessária em um exército é a harmonia. É um sábio ditado que diz que ‘A união na terra é melhor do que qualquer vantagem celestial!’ Estarmos unidos entre nós é melhor do que qualquer ganho terreno. Quando não estamos em paz entre nós, não é fácil vencer um inimigo. De agora em diante, vocês três, o cachorro, o macaco e o faisão, devem ser amigos com uma só mente. Quem começar uma briga será imediatamente demitido!” Todos os três prometeram não brigar. O faisão agora foi feito um membro do séquito de Momotaro e recebeu meio bolo de arroz.

A influência de Momotaro era tão grande que os três se tornaram bons amigos e apressaram-se com ele como seu líder.

Viajando rapidamente dia após dia, por fim chegaram à costa do Mar Nordeste. Não havia nada à vista até o horizonte — nem sinal de ilha. Tudo o que quebrava o silêncio era o som das ondas batendo na costa.

Agora, o cachorro, o macaco e o faisão tinham vindo bravamente por longos vales e colinas, mas nunca antes tinham visto o mar. Pela primeira vez desde que partiram, estavam perplexos e se entreolharam em

silêncio. Como iriam atravessar a água e chegar à Ilha dos Demônios?

Momotaro logo percebeu que eles estavam intimidados pela visão do mar, e para testá-los, falou alto e de forma áspera:

“Por que vocês hesitam? Estão com medo do mar? Oh! que covardes vocês são! É impossível levar criaturas tão fracas comigo para lutar contra os demônios. Será muito melhor eu ir sozinho. Dispensando vocês todos imediatamente!”

Os três animais ficaram perplexos com essa severa repreensão e agarraram-se à túnica de Momotaro, implorando para que ele não os mandasse embora.

“Por favor, Momotaro!” disse o cachorro.

“Chegamos tão longe!” disse o macaco.

“É desumano nos deixar aqui!” disse o faisão.

“Não estamos nada assustados com o mar,” disse o macaco novamente.

“Por favor, nos leve com você,” disse o faisão.

“Por favor,” implorou o cachorro.

Agora tinham recuperado um pouco de coragem, então Momotaro disse:

“Bem, então, vou levá-los comigo, mas cuidado!”

Momotaro conseguiu então um pequeno navio, e todos embarcaram. O vento e o clima estavam favoráveis, e o navio avançou como uma flecha sobre o mar. Era a primeira vez que estavam na água, então, a princípio, o cachorro, o macaco e o faisão ficaram assustados com as ondas e o balanço do barco, mas, com o tempo, acostumaram-se com a água e ficaram felizes

novamente. Todos os dias eles passeavam pelo convés do pequeno navio, ansiosos por avistar a Ilha dos Demônios. Quando se cansavam disso, contavam histórias sobre suas façanhas das quais se orgulhavam, e então brincavam juntos; e Momotaro se divertia muito ouvindo os três animais e observando suas atitudes, e dessa forma ele esquecia que a jornada era longa e que estava cansado da viagem e de ficar sem fazer nada. Ele ansiava por começar o trabalho de matar os monstros que haviam feito tanto mal em seu país.

Como o vento soprava a seu favor e eles não encontraram tempestades, o navio fez uma viagem rápida, e um dia, quando o sol brilhava intensamente, uma visão de terra recompensou os quatro observadores na proa.

Momotaro sabia imediatamente que aquilo que viam era o reduto dos demônios. No topo de uma costa íngreme, com vista para o mar, erguia-se um grande castelo. Agora que sua missão estava próxima, ele estava imerso em pensamentos, com a cabeça apoiada nas mãos, refletindo sobre como deveria começar o ataque. Seus três seguidores o observavam, esperando ordens. Afinal, ele chamou o faisão:

“É uma grande vantagem ter você conosco,” disse Momotaro ao pássaro, “pois você tem boas asas. Voe imediatamente até o castelo e desafie os demônios para lutar. Nós o seguiremos.”

O faisão obedeceu prontamente. Ele voou do navio, batendo alegremente suas asas no ar. O pássaro logo chegou à ilha e pousou no telhado, no meio do castelo, chamando bem alto:

“Todos vocês, demônios, ouçam-me! O grande general japonês Momotaro veio lutar contra vocês e tomar seu reduto. Se desejarem salvar suas vidas, rendam-se imediatamente e, como sinal de submissão, quebrem os chifres que crescem em suas testas. Se não se renderem de imediato e decidirem lutar, nós, o faisão, o cachorro e o macaco, mataremos todos vocês, mordendo-lhes e rasgando-lhes até a morte!”

Os demônios de chifres olharam para cima e, vendo apenas um faisão, riram e disseram:

“Um faisão selvagem, de fato! É ridículo ouvir tais palavras de uma coisa insignificante como você. Espere até que um de nós lhe acerte com uma de nossas barras de ferro!”

Muito zangados, de fato, estavam os demônios. Eles sacudiram seus chifres e suas madeixas de cabelo ruivo ferozmente, e correram para vestir calças de peles de tigre para ficarem mais assustadores. Eles então pegaram grandes barras de ferro e correram para onde o faisão estava empoleirado sobre suas cabeças e tentaram derrubá-lo. O faisão voou para um lado para evitar o golpe, e então atacou a cabeça de um e depois de outro demônio. Ele voava em círculos ao redor deles, batendo o ar com as asas de maneira tão feroz e incessante que os demônios começaram a se perguntar se estavam lutando contra um ou muitos mais pássaros. Enquanto isso, Momotaro trouxe seu navio até a costa. À medida que se aproximavam, ele viu que a margem era como um precipício e que o grande castelo era rodeado por altas muralhas e grandes portões de ferro, fortemente protegidos.

Momotaro desembarcou e, com a esperança de encontrar algum meio de entrar, subiu o caminho em direção ao topo, seguido pelo macaco e pelo cachorro. Eles logo encontraram duas lindas donzelas lavando roupas em um córrego. Momotaro viu que as roupas estavam manchadas de sangue e que, enquanto as duas donzelas lavavam, lágrimas caíam de seus rostos. Ele parou e falou com elas:

“Quem são vocês, e por que choram?”

“Somos cativas do Rei Demônio. Fomos levadas de nossas casas até esta ilha, e embora sejamos filhas de Daimyos (senhores), somos obrigadas a ser suas servas, e um dia ele nos matará” — e as donzelas levantaram as roupas manchadas de sangue — “e nos comerá, e não há ninguém para nos ajudar!”

E suas lágrimas explodiram com mais força ao pensar nessa terrível possibilidade.

“Eu vou resgatar vocês,” disse Momotaro. “Não chorem mais; apenas mostrem-me como posso entrar no castelo.” Então as duas senhoras mostraram o caminho e indicaram a Momotaro uma pequena porta nos fundos, na parte mais baixa da muralha do castelo—tão pequena que Momotaro mal pôde rastejar por ela.

O faisão, que, durante todo esse tempo, estava lutando bravamente, avistou Momotaro e sua pequena companhia invadir por trás.

O ataque de Momotaro foi tão furioso que os demônios não conseguiram resistir. No início, o oponente era apenas um pássaro, o faisão, mas agora que Momotaro, o cachorro, e o macaco haviam chegado, eles se sentiram perplexos, pois os quatro lutavam como se fossem

centenas, de tão fortes que eram. Alguns demônios caíram das muralhas do castelo e foram despedaçados nas rochas abaixo; outros caíram no mar e se afogaram; muitos foram espancados até a morte pelos três animais. Por fim, o chefe dos demônios foi o único que restou. Ele decidiu se render, pois sabia que seu inimigo era mais forte do que qualquer mortal.

Humildemente ele se aproximou de Momotaro, jogou sua barra de ferro no chão e, ajoelhando-se aos pés do vitorioso, quebrou os chifres de sua cabeça como sinal de rendição, pois eles eram o símbolo de sua força e poder.

“Eu temo você,” disse ele, em tom submisso. “Não posso lutar contra você. Vou entregar-lhe todo o tesouro escondido neste castelo se você poupar minha vida!”

Momotaro riu.

“Não é próprio de você, grande demônio, pedir misericórdia, não é? Não posso poupar sua vida maligna, por mais que você implore, pois você matou e torturou muitas pessoas e roubou nosso país por muitos anos.”

Então Momotaro amarrou o chefe dos demônios e entregou-o ao cuidado do macaco. Tendo feito isso, ele entrou em todos os aposentos do castelo, libertou os prisioneiros e coletou todos os tesouros que encontrou. O cachorro e o faisão carregaram o espólio para casa, e assim Momotaro retornou triunfante para casa, levando consigo o chefe dos demônios como prisioneiro.

As duas pobres donzelas, filhas de Daimyos, e outras pessoas que o perverso demônio havia levado para serem seus escravos, foram levadas de volta em segurança para suas casas e entregues a seus pais.

Todo o país transformou Momotaro em um herói em seu retorno triunfante, e a nação celebrou a libertação dos terríveis demônios que eram um terror para a terra há muito tempo.

A alegria do velho casal foi maior do que nunca, e o tesouro que Momotaro trouxe para casa permitiu que eles vivessem em paz e em abundância pelo resto de seus dias.